**I**

Acordo ao ouvir um canto estridente de um pássaro doméstico. Ele não ficou lutando contra o próprio corpo até as seis da manhã, enquanto flutuava entre a internet, e os textos, e, por este motivo, não parece se importar com o próprio barulho agudo pela manhã.

Contra minha dor de cabeça, decido trocar de status, de tentando dormir, para acordado. O ar do quarto está quente, a janeça está fechada, e o sol aquece o colchão que estico no piso do quarto todos os dias para tentar dormir dignamente. Levanto finalmente, tomo a água morna que repousava no copo, e ponho-me a guardar rapidamente o colchão e o cobertor em seus lugares, como de costume. Quando o quarto mais parece uma quitinete, alguns rituais precisam ser feitos todos os dias, caso queira-se manter a capacidade de andar no cômodo.

Escovo os dentes e lavo o rosto, pois o café está pronto. Uma banana e um pão devem matar a fome matutina, ou vespertina, já que são duas da tarde. Ah, o almoço também já está pronto, e frio inclusive, porém não faz diferença, sendo que não vou almoçar antes das seis da tarde. A reflexão desta minha manhã vespertina, é a facilidade que seres como eu tem para viver. Criado pela mãe e avós, sem períodos de jejum, e sem nenhum perigo real, além daquele que dita o fim do período de alimento e morada gratuito.

Pedir para nascer seria uma loucura, tamanha, que jamais me permitiria fazer. O humano é animal, e pensa. E podemos chamar de qualquer modo o pensamento, enquanto mais pensamos, mais ambigüidades e supra-pensamentos encontramos, espiralando, e toda a ambigüidade gerada, será nossa maior ruína enquanto indivíduos e espécie. Pensa-se pouco, age mais, pensa-se muito, age de menos. E pensando se torna muito mente, pouco humano, e tornando-se humano novamente, nega-se a mente. Meu café esfriou.

A cabeça latejando já não incomoda tanto, sei que se não puder fazer muito hoje, o amanhã me é reservado, e caso me engane aqui, melhor ei de estar amanhã. A mudança na escrita reflete a mudança na forma de pensar, e ao contrário do lento computador que uso, minha cachola não parece tão linear. Tudo refloresce e se decompõe, num ritmo esquisito, rápido, e as vezes lento, porém, quase sempre virtual, dificilmente se faz perceber no físico. A escrita é uma manifestação que evidencia a composição caótica, e a pergunta recorrente é o que faz a amada ciência para melhorar essa carnificina de bons pensamentos. Tudo se destrói, nada vale a pena. O que digita, e o que aparece na tela são fragmentos de uma série de impulsos elétricos que se denominam Eu. E você também. E Eu também. Nós todos fazemos parte. Leitor, digitador, leitor digitador, e Eu.

Sair de casa me ajuda a esquecer do Eu, que vive em cada um de nós. Quando nos envolvemos em pessoas, tudo vira externo, e como diria algum poeta mentiroso, o som cala todas as vozes internas. Não foi bem isso que eu li, porém também devo ser poeta mentiroso, pois escrevo um conto que é meio verdade. De todas as coisas que podem acontecer de ruim, a principal, é só querer escrever o que se pensa. Nada frutífero pode sair de alguém que não quer sair para divertir-se. Ninguém pode gostar de saber apenas, e ninguém pode querer conhecer, e morrer pensando que faltava muito. Ninguém pode dizer ninguém.

Certa parte do meu Eu, chegou a escrever sobre o potencial ilimitado da tecnologia. Porém sempre tentando esquecer-se do potencial limitado do humano atual. Pensar é virtualizar, e a tecnologia é fruto, porém demanda trabalho. Tudo que é trabalho, pode ser automatizado, mas ainda existe o que necessita ser automatizado. O trabalho deixa de existir pois tudo se automatizou, e agora todos pensam, todos aprenderam a escrever, e aprenderam a vontade verdadeira. A vontade verdadeira, percebe então, que quer trabalhar, e então, inventa o trabalho, escreve agora para se estressar.

Estou indigesto e a dor de cabeça agora é um problema. Já é tarde da noite e não pretendo dormir. Dia vai dia vem, e o mundo é o mesmo, parecendo piorar, apenas por deboche aos grandes pensadores. Tudo que é grande se sintetiza em uma frase, dissimulando a imagem ao seu fundo, demonstrando o poder da rede humana de comunicação, em superficializar os mais profundos fossos que o pensamento cavou. Não passou ainda o primeiro dia, "dia vai dia vem", foi uma forma de elucidar a insignificância do tempo externo, na vida dupla do eu, enquanto na condição de viver do pensamento. O Eu social não pode refletir o Eu penso. A filosofia com um martelo não consegue defender quem segura o martelo, nem quem segura a filosofia.

Tudo isto ali, e aqui, deve ser refutado. Não me importo com contradições. São elas propositais? Sim, e não, depende do propósito, e de quem as propõe. Eu, ou você, e todos aqueles que descrevi, e escrevi, por mais que sejam refutados.

Quero dormir, e não posso. Escrevi o parágrafo anterior depois deste, por isto não pude ainda. Amanhã não vou descrever o dia, pois sei que não fará sentido, e talvez o único sentido, foi-me por a escrever. E descrevi o dia no fim da noite, por isto foi uma meia mentira. Será que está confissão me faz sincero? Não me importa tanto, pois nos próximos parágrafos começará uma nova etapa, e apesar de não parecer, tudo aqui foi decidido antes da primeira palavra. A primeira palavra antes de todas, não neste parágrafo, mas no começo do livro. Rio. Não um rio, mas rio bastante. É um livro? Rio de novo. É sim um livro, por mais que me envergonhe admitir, e por mais que esta verdade falsifique os escritores. Escrevi bastante, e muito foi escrito antes disto também. Juntarei tudo, e farei da bagunça, uma maior ainda. Linhas e linhas, e nada escrito, menos ainda do que fora escrito pelos meus humildes companheiros humanos.

A era da informação começa a refletir seus códigos genotípicos nos seres conectados, e todo o condensado criado pelo movimento da rede, circula livre pelos olhos e dedos dos felizardos que presenciam esse momento único e alienado da espécie. Só os que sentem fome querem comer, e o medo é reservado aos que ainda podem senti-lo. O Dia e a noite não mudam na perspectiva da luz artificial dos monitores, se é que monitores possuem perspectivas. Tudo que fazem é monitorar, e esquecem, portanto, de viver o vídeo.

Poetas e suas mentiras, um músico me disse que a vida imita o vídeo, quando o vídeo imita a música. Quem dera eu ser um evento cósmico ruidoso, emitindo música a quem quer existir.

Quem é Alguém, mas Alguém pode ser, um ser, que não considero Alguém? Milhões de bactérias me ajudam a absorver os nutrientes os quais me alimento, porém, nunca as convidei para o café. Intrometidos, e humildes, dividem o alimento da colônia com um organismo virtual que se considera parte importante de um processo do qual não faz parte. O Presidente da fábrica é um programa de computador biológico, e serve apenas de figura da empresa, pois no fim, não comanda os processos internos. Espere, ele decide qual rumo a fábrica toda toma! No fim é tudo a mesma coisa, o produto final é sempre uma merda.

A próxima etapa, que prometi antes, e a qual prorroguei durante a noite, começa amanhã, e a partir desta palavra: Desculpe. Nunca gostei de me desculpar. Peço desculpas, pois ao menos aqui, ainda não é amanhã. E tenho muito que fazer, antes de começar a nova etapa, pois o apanhado de amontoados é difícil de seqüenciar, além de que, seqüências podem ser inverdades. Ou não, depende da vontade. Vontade é sempre um problema. Eu quero dormir, mas existe outra vontade que sobrepõe esta. Qual é a vontade verdadeira afinal?

**Vontade Verdadeira**

Repentinamente,   
parei de pensar,

Pois decidi esperar,   
à vontade me alcançar,

E percebi,   
que neste inexistente mar imenso,

Não devo perder   
e achar o que penso,

Mas pensar,   
o que não perco,   
por encontrar

Alguma vontade verdadeira,

Em meio a este nada que me permeia.

LeJs Narus

**II**

Uma gota cai. Então existe a gota caindo em meio ao nada. Um reflexo existe na gota, e neste reflexo, um hominídeo que idealiza, e a respeito da gota, e do refletir. Então chega o impacto, e no momentum, tudo se transforma: o reflexo some, a gota se espatifa em gotículas; dispersando-se, evaporando novamente ao “Nada”. Hominídeo? Já não idealiza nada, pois fora reflexo, que idealizava no microcosmo, de uma realidade momentânea.

**III**

Por tempos, o tempo tem passado rápido. E o que andei escrevendo é deveras divertido de escrever, apesar de virtualizar a noção de tempo. O sentido faz sentido afinal, e posso dar sentido também, mas tudo é parte do todo. No mínimo, não tenho vontade do que a civilização desta era quer, e o sentido da vida biológica sempre detém as pessoas, o que não me é diferente.   
 Porém a vontade do eu, não é necessariamente a vontade do corpo, a inventividade imaginativa parece poder modificar isso, materializar o pensamento, construir, automatizar a construção, aprimorar o que constrói.   
 Superar o biológico é também um meio de superar o mental, além de centralizar todo o poder computacional e de sobrevivência, tornando o indivíduo independente do restante, podendo escalar até mesmo limites cósmicos se necessário.   
 Tudo é uma questão de saber como, de computar variáveis e as controlar. Tudo também está muito além deste tempo em que vivemos no momento, até mesmo as aplicações de esforços são diferentes, pois os interesses são diferentes, as vontades estão perdidas na ignorância, desejando a ilusão.

**IV**

A vida toma como principal fim, a sobrevivência, e o vivo sadio, de tudo faz para garanti-la. Imaginar e saber, todos os males terrestres e cósmicos, que poderiam arrebatar a preciosa vida terrestre, faz os homens que imaginariam isto, desejar superar o cosmos. Não por felicidades ou racionalidades, mas por ser a dadivosa espada de dois gumes da evolução, tentando desesperada e tortuosa, superar o entendimento de si, para simplesmente garantir a continuidade da vida, que na linha de tempo deste universo, já possui fim quase certo.